

Introdução

O desenvolvimento de um modelo que permite situar a conscientização e a socialização literárias, no contexto de um projeto pedagógico alternativo que tenha relevância para o ensino de literatura, orienta as diversas etapas desta tese. O título – *Uma teoria literária em expansão* – sinaliza o meu desejo de balizar este projeto a partir de repertórios e instrumentais teóricos que apontem para a travessia de diversas fronteiras que separam seja domínios disciplinares, seja objetos circunscritos marcados por uma suposta unidade que subentende seu fechamento. Deste modo se explica a minha escolha de modelos teóricos, numa perspectiva ampla, capazes de captar a complexa dinâmica que envolve uma compreensão do fenômeno literário que não se limita à interpretação de obras particulares, mas que busca inseri-lo em processos de comunicação abrangentes e contextualizados.

Este desejo encontra ressonâncias significativas no modelo da chamada “ciência empírica da literatura”, ainda que ela não ofereça respostas a todas as minhas indagações. A necessidade de compreender uma situação de ensino dentro de um contexto histórico, cultural, social e político marcado por fatores altamente contingentes demandaria uma modelização que levasse em conta condições particulares e datadas.

O modelo proposto pelo idealizador do projeto, Siegfried Schmidt, e o grupo de pesquisa liderado por ele, NIKOL, em princípio, aponta para soluções adequadas que permitem enxergar e descrever situações específicas a partir de uma estrutura teórica generalizadora. É essa precisamente a novidade expressa pelo termo *empírico* como ponte reversível entre estruturas e eventos, vistos como acoplados em processos de interação recíproca, em que a teorização se beneficia da experiência prática para promover alterações em seu próprio corpo que, por seu lado, permite olhares novos na construção de seus objetos de investigação. Essa articulação desejada entre generalidades que uma teoria da literatura visa, e a experiência de atores sociais em situações precisas e em contextos historicamente marcados – no caso, a participação de indivíduos concretos da vida literária, seja

em sua ação produtiva, mediadora e recepcional – caracteriza precisamente este projeto de orientação pragmática e construtivista. As dificuldades surgem, antes, no nível da investigação empírica. Enquanto na Alemanha, berço da elaboração do projeto, órgãos financiadores oficiais permitem análises fundadas em depoimentos de informantes que somam dezenas de milhares na formação de um quadro estatístico acerca dos processos de conscientização e socialização que mobilizam estudantes a participar ativamente – ou não – da vida literária; o meu ensaio de uma pesquisa empírica se dá em termos muito distintos. Se a minha análise, apoiada em informantes que se contam em dezenas, não permite assim generalizações confiáveis, a sua importância pode ser defendida como experimento modelo a ser desenvolvido em escala maior para repensar formas mais convincentes de participação do sistema literário, em situações específicas. A minha investigação empírica, por exemplo, é circunscrita pelo espaço de circulação de um grupo de estudantes universitários, iniciantes no estudo das letras, no final da década de 90.

A inclusão de uma parte substancial desta pesquisa no interior do corpo da tese, e não em forma de anexo, se justifica pela natureza do meu trabalho que tenta vincular de modo plausível os dois elos do trabalho: a teoria e a empiria. É evidente que existe um imenso descompasso no desenvolvimento destas duas dimensões, que tem a sua razão de ser na ênfase intencional dada à descrição e à problematização de um projeto teórico para os estudos de literatura, não só abrindo espaço para múltiplas travessias transdisciplinares, mas investindo conscientemente – eu diria, pesadamente – na avaliação dos pressupostos epistemológicos e metateóricos e as articulações destes em vista da consistência, em todos os níveis, de um projeto balizado por perspectivas construtivistas e pragmáticas. Se, então, o levantamento de dados empíricos e a sua avaliação, à luz das hipóteses da ciência empírica da literatura, ocupam um espaço sensivelmente menor, esta opção não sinaliza falta de importância, mas se explica pelo caráter que lhes é atribuído no conjunto de minha tese como experimento exemplar.

Esses são os limites da minha tese que antes representa uma tentativa de discutir, a partir de novas formas de teorização, no campo dos estudos literários, processos comunicativos empíricos visando novas possibilidades de ampliação de projetos pedagógicos vinculados ao ensino de literatura. Esses objetivos canalizaram a minha atenção naturalmente para teorias da literatura

comprometidas, portanto, com uma articulação explícita entre o campo da teoria e o campo da experiência empírica, que resulta não apenas no diálogo, mas também no constante enriquecimento mútuo de ambas as dimensões. Essas exigências, por um lado, promovem constantes transformações na construção de modelos, motivadas pela análise de casos particulares e, por outro lado, favorecem uma ampliação quase ilimitada do horizonte de análise do fenômeno literário e de seus efeitos em contextos concretos e circunstâncias variadas.

O conjunto dessas razões explica, em parte, o meu entusiasmo com o projeto rotulado de ciência empírica da literatura, porque parece oferecer respostas mais convincentes às minhas indagações para o desenvolvimento desta tese do que outras molduras teóricas. Outro motivo que facilitou a minha escolha diz respeito ao meu envolvimento profissional com estudos germânicos – e o ensino da língua e literatura alemãs – de que faz parte um sólido conhecimento da própria língua alemã, pré-requisito para o empreendimento desta tese. Essas circunstâncias me motivaram especialmente para investigar um projeto teórico difícil e complexo, por seu envolvimento com questões epistemológicas e metateóricas, e em grande parte inacessível para o pesquisador brasileiro em função do desconhecimento da língua.

A este se acrescenta mais um motivo que tem origem na minha participação, na década de 90, de um grupo de pesquisa na UFRJ – DICEL (Discurso e Ciência Empírica da Literatura) – dirigido por Sonia Zyngier, que me iniciou com competência e criatividade – na qualidade de orientadora de minha dissertação de mestrado – na prática da investigação empírica, tão pouco usual em nossa área de estudos. A ela devo o meu primeiro contato com o projeto interdisciplinar de Siegfried J. Schmidt e a ela também devo a motivação para realizar o meu Doutorado em Letras sob orientação de Heidrun Krieger Olinto, porque, segundo Zyngier, “no Brasil, pouquíssimos são os estudiosos que conhecem e trabalham com pressupostos da CEL. Uma das maiores responsáveis pela divulgação dos estudos no Brasil é sem dúvida Heidrun Krieger Olinto, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, cujas publicações e organizações de eventos vêm influenciando vários pesquisadores” (Zyngier, 2002, p.5).

Durante o desenvolvimento da tese surgiram outras razões – e naturalmente também dúvidas – em relação às respostas oferecidas pela CEL, mas

em todos os momentos prevaleceu a minha convicção de que hoje as questões que envolvem o fenômeno literário – leitura, ensino, comunicação – encontram respostas mais significativas e plausíveis em molduras que enfatizam o seu caráter sistêmico e construtivo.

Essa introdução permite, neste sentido, um primeiro olhar sobre as indagações que representam o fio condutor do meu projeto, que tem a sua origem teórica nas discussões intensas na Alemanha, nos anos 80, em torno da possibilidade de promover uma mudança paradigmática nos estudos literários e que, em torno da pesquisa empírica, se localiza no espaço do ensino no Brasil.

Em debates teóricos sobre o fenômeno *literatura* surgiram na Alemanha daquela época duas tendências, de ênfase empírica, ambas reclamando para si um potencial de inovação que as incompatibilizava com propostas tradicionais na esfera dos estudos de literatura, ao proclamar uma nova aliança entre racionalidade teórica e prática. As divergências se devem, antes de tudo, a perspectivas epistemológicas e metateóricas incomensuráveis que distanciam os estudos hermenêuticos tradicionais centrados na investigação de textos literários deste projeto caracterizado pela possibilidade de crescente expansão.

Segundo Siegfried Schmidt, um dos principais idealizadores da CEL (Ciência Empírica da Literatura), se a ciência da literatura empírica de fato for uma mudança paradigmática nos estudos literários, “problemas, teorias, modelos, conceitos e valores antigos não podem ser simplesmente transferidos para um novo paradigma, porque as regras de construção e normas relativas à realidade, sentido, valor e identidade” deixam de ser as mesmas em virtude de conceituações epistemológicas, metateóricas e sócio-políticas distintas (Schmidt, 1984, p.325). Neste sentido, para ele, não se trata apenas de um novo modelo teórico, mas a própria vida ficou diferente, ou citando Thomas S. Kuhn: vivemos em outro mundo.

Um olhar retrospectivo sobre as transformações do projeto inicial de uma ciência da literatura empírica autônoma, desenvolvido nas universidades de Bielefeld e Siegen desde meados dos anos 70, deixa evidente que a minimização de propostas de compreensão de textos particulares permitiu o deslocamento do interesse para a análise de processos literários mais amplos, demandando a elaboração de uma teoria da literatura em termos de uma teoria da ação comunicativa literária e de uma teoria sistêmica complexa. De imediato essa

transferência poderia sugerir – equivocadamente – o desaparecimento da obra literária da esfera de pesquisas científicas da literatura. Sobretudo os trabalhos iniciais do grupo interdisciplinar NIKOL alimentaram essa suspeita pela ênfase de suas objeções em relação à prática hermenêutica de querer resgatar sentidos velados, pessoais ou coletivos. Por conta desse mal-entendido, o diálogo entre um suposto paradigma tradicional – o hermenêutico – e um candidato a paradigma alternativo – o empírico, refletia inicialmente certa animosidade e uma atmosfera áspera, características da competição entre modelos rivais. O próprio Thomas Kuhn tinha acentuado, em seu livro hoje clássico, *A estrutura das revoluções científicas*, os aspectos psicossociais que envolvem a ameaça da emergência de paradigmas concorrentes, por ser inerente à atitude dos que compartilham o mesmo paradigma lutarem contra a destruição de seu modelo e, neste sentido, a vitória final de uma nova moldura teórica se deve, não raramente, à morte de seus opositores e não, à força de eventuais argumentos melhores (Kuhn, 1962). No caso, a incomensurabilidade de concepções de vida implicadas favorece que o debate abandone o espaço da argumentação racional e, deste modo, a adoção de novos paradigmas pode equivaler a meros atos de fé, ou a gestos apaixonados fundados em processos de persuasão e sedução. No entanto, uma assumida postura crítica e de autoquestionamento por parte dos próprios membros do grupo NIKOL teve como resultado o redimensionamento do texto no novo projeto teórico proposto, com acento específico sobre a sua relação com sujeitos reais e seus contextos de ação concretos. Essa visão responde, em parte, também à refutação de pesadas críticas, por parte de defensores do modelo hermenêutico, de que pesquisas empíricas ocupam apenas esferas marginais no que diz respeito ao interesse científico pela literatura. No decorrer do tempo ocorreu nitidamente um abrandamento do desafio panfletário visível nas manifestações iniciais, que proclamaram uma mudança paradigmática em prejuízo dos modelos até então vigentes.

Via de regra os programas de uma ciência da literatura não costumam ser transparentes, nem explícitos, razão pela qual facilitam certo tipo de pluralismo metodológico e dificultam tentativas em direção a uma argumentação intersubjetiva. Neste contexto a ciência da literatura empírica parece uma intrusa, antes de mais nada, por sua própria autocompreensão. Ainda que o conteúdo semântico do termo *ciência* tenha peso diferente nas línguas alemã e portuguesa,

não deixa de ser provocativo o modo como se festeja o ofício de teorizar numa disciplina tradicionalmente avessa à racionalização e que lida com produtos culturais tidos por opacos ao olhar científico e rebeldes à sistematização (Olinto, 1989, p.17). Mais perturbador pode parecer o adjetivo *empírico*, geralmente relacionado com empiricismo objetivista em sentido positivista, subentendido especialmente em teorias ontológicas realistas. O novo comprometimento semântico das duas categorias entende-se no horizonte do projeto global desta ciência da literatura empírica que se orienta, do ponto de vista epistemológico, no construtivismo radical e, do ponto de vista metateórico, no funcionalismo construtivo, especialmente adaptado ao projeto NIKOL pelo filósofo da ciência Peter Finke.

A passagem para uma perspectiva radicalmente construtivista, em contradição com a idéia milenar, radicada em nossa ciência e vivência cotidiana, de que questões cognitivas podem ser solucionadas no quadro de uma ontologia realista por uma teoria de correspondência e reflexo, demanda, assim, uma reorientação do próprio conceito de ciência. A substituição da idéia de uma realidade objetiva pela idéia da realidade como processo construtivo faz com que conceitos como verdade absoluta e conhecimento objetivo percam plausibilidade na validação da atividade científica. Uma das conseqüências desta convicção encontra-se na desconstrução de expectativas exageradas em relação à própria eficácia da ciência e à confiança em seus resultados. Finke critica, neste sentido, em “Visão geral do funcionalismo construtivo”, a tendência *reconstrutiva* de teorias da ciência que privilegiam a elaboração de estruturas lógicas dos processos científicos e dos seus resultados desvinculados de contextos históricos concretos. Uma teoria da ciência *construtiva* parece, por esse motivo, mais apropriada à situação real da maioria das propostas científicas, ainda que estas se encontrem às voltas com a sua própria fundamentação.

Uma das conseqüências estimulantes das novas perspectivas metateóricas e epistemológicas que legitima a reivindicação de uma mudança paradigmática traduz-se, deste modo, pela abertura em relação a novas questões que transcendem os limites das molduras tradicionais da interpretação do texto literário particular em direção à compreensão da vida literária, concebida como espaço de ação social em uma dimensão sistêmica. Neste sentido pesquisas empíricas não se confundem com coleta de dados isentos de uma moldura teórica ou com esferas

independentes de interesses cognitivos. Ao contrário, à medida que objetos não são dados, eles se produzem e reproduzem em constantes processos construtivos e o próprio processo científico supõe, necessariamente, teorias que transcendem a dimensão de idéias abstratas em direção à razão prática que justifica qualquer ação científica. É, também, neste sentido que uma ciência da literatura empírica deduz suas estratégias teóricas de determinados objetivos morais e político-sociais.

As primeiras publicações do projeto da ciência empírica da literatura, em inícios da década de 80, incomodaram o senso comum do campo disciplinar pela acidez e tenacidade com que assinalaram incoerências e mazelas das propostas tradicionais da teoria da literatura e pelo estilo sentido como arrogante com que reivindicavam o mérito de representar uma mudança paradigmática nos estudos da literatura. O texto “Ciência da literatura empírica: Um novo paradigma” pode ser lido como exemplar para essa fase inicial do projeto. Ao expor-se, em 1984, a seus críticos no artigo “Empirische Literaturwissenschaft in der Kritik” (Ciência da literatura empírica na crítica), Schmidt reafirma a legitimidade de uma mudança paradigmática quando um programa de pesquisa revelar, na esfera intelectual e normativa, mudanças significativas simultâneas em relação a conceitos como ciência, literatura e ciência da literatura, linguagem, significação, texto e estética, mesmo se as teorias desenvolvidas não tenham atingido o seu pleno estágio paradigmático. Mas se a ciência da literatura empírica for considerada uma mudança paradigmática, problemas, soluções propostas, modelos teóricos, conceitos e valores tradicionais não podem ser simplesmente transferidos em função da alteração profunda de conceitos epistemológicos, metateóricos e sóciopolíticos. Kuhn, como vimos, definiu essa nova situação, de modo radical, como vida em outro mundo (Schmidt, 1984).

A distinção entre uma mudança paradigmática e um paradigma desenvolvido, apropriada da tese kuhniana, traduz boa parte da trajetória científica e do esforço interdisciplinar de muitos anos de um grupo de pesquisadores às voltas com a construção de um programa novo e complexo para a investigação científica do fenômeno literário, ainda que não exista consenso em todas as questões envolvidas, inclusive em questões aparentemente básicas, tais como o papel da interpretação, o estatuto da hermenêutica, a necessidade de um projeto epistemológico e metateórico homogêneo. Na ciência da literatura apresentavam-

se, nos anos 70, diversos candidatos reivindicando para si ter iniciado uma revolução científica no campo disciplinar da literatura. Em que pese o mérito dessa surpreendente reivindicação, esse gesto, de certa forma, revelava um novo e profundo interesse pelo ofício de teorizar. Ciências analíticas e hermenêuticas lidaram, a seu modo, com as exigências e expectativas do horizonte intelectual, perceptíveis com mais ênfase nos anos 70 e 80, saindo ambas de seus limites tradicionais. As ciências hermenêuticas pela sistematização de seus métodos, a orientação sobre conteúdos sociais e a discussão do espaço do observador enquanto participante do processo construtivo do sistema literário, seja em suas atividades de leitor, de crítico ou de teórico. Propostas fenomenológicas estabeleceram relações entre a obra literária e o cotidiano inserindo em sua própria reflexão o sujeito construtor concreto e os seus interesses explícitos ou implícitos. Por seu lado, as ciências analíticas emanciparam-se de certas ortodoxias empiricistas positivistas, enfatizando menos a lógica da investigação científica do que a dimensão pragmática do processo científico e a reflexão do cientista sobre os pressupostos de sua ciência (Olinto, 1989). Eram nítidos os vestígios de diálogo entre as duas linhas de reflexão, ainda que houvesse descompasso entre as premissas epistemológicas. Hoje são mais nítidos os sinais de vontade de ampliar o discurso teórico para além de suas fronteiras disciplinares do que de entusiasmo por seu aprofundamento. A sedução de uma nova sabedoria começava a delinear-se a partir da confiança na espontaneidade, intuição e afetividade, convertendo o discurso racional com frequência em sinônimo de terrorismo intelectual. Essa forma de diminuição do poder da razão, aliada ao receio de sua transformação em racionalidade instrumental comprometida com um poder cujas estruturas repressoras reproduz, faz com que a produção de relações de sentido, a estruturação da experiência individual em afirmações que podem ser discutidas intersubjetivamente passassem a ser vistas como desproporcional em relação ao discurso sobre literatura.

Em todo o caso, se o entendimento da literatura precisa de um aparato teórico e vice-versa, é compreensível tanto o desapontamento com a desproporção entre a quantidade de categorias vazias e seu reduzido conteúdo empírico quanto o distanciamento e a desconfiança em relação ao discurso teórico. A questão da teoria atravessa a questão da prática, e uma disciplina que esgota seus objetivos na explicitação limita-se a uma razão teórica da atividade científica, perdendo de

vista a dimensão prática e social. Por essa razão, Peter Finke, a partir de sua ótica de filósofo da ciência, credita certa aversão à ciência da literatura, menos à falta de exatidão do que à ausência de espírito crítico, no sentido da falta de uma prática de explicitar e justificar a relevância científica e política de seu próprio campo disciplinar. Neste sentido, é a esfera aplicativa que decide, em última instância, sobre o valor científico de uma concepção. Um discurso sério e exigente precisa fundar-se duplamente, na empiria e na teoria, comprometendo-se simultaneamente com um saber experimental e um discurso racional. Desta forma, o projeto de uma ciência empírica da literatura critica, antes de mais nada, a postura sintomática de uma consciência polarizada entre razão teórica e razão prática, contrapondo-lhe uma consciência não dualista articulando dialeticamente as duas e, ainda, racionalidade e emotividade.

Neste âmbito – e avesso a uma tendência geral de saturação teórica em sua própria disciplina – o grupo NIKOL propõe, a partir dos anos 80, a vitalização da investigação científica ao se declarar favorável à construção de um repertório teórico mais complexo para o estudo literário, mesmo sob risco de pouca demanda por este. O projeto abrange o pleito por uma consciência não dividida, por uma argumentação responsável e por uma demonstração empírica voltada para a pesquisa interdisciplinar. Esse programa alternativo e ambicioso não pretende apenas incentivar a coerência e capacidade explanatória de um aparato teórico, mas conduzir as relações humanas entre os que aprendem, ensinam e pesquisam a um nível em que solidariedade e cooperação não sejam apenas desejáveis, mas possíveis em função dos próprios pressupostos teóricos e metodológicos que orientem esse novo espaço interdisciplinar. Em suma, trata-se de uma articulação entre literatura, sociedade e política.

São esses pressupostos do projeto de uma ciência empírica da literatura, em última análise, que me parecem especialmente adequados para delinear um modelo pedagógico para os estudos de literatura, preocupado com a produção e disseminação de uma consciência literária que permite transformar e otimizar o espaço educativo, estabelecendo diálogos de mútuo enriquecimento entre o ensino de formas canônicas e produções de literatura de massa, sem desvalorizar uma em detrimento da outra.

Neste âmbito, a minha tese pretende oferecer um instrumental teórico não só para a investigação dos complexos processos de comunicação literária, mas

igualmente para novas formas de socialização e pedagogia literárias que se caracterizam, igualmente, por sua dimensão ética. Não é por acaso, então, que a escolha de um modelo adequado para esta realização recaia sobre a proposta desenvolvida pelo grupo NIKOL, porque se o desenvolvimento de uma teoria da literatura de orientação empírica, no final dos anos 70 e mais intensamente durante os anos 80, na perspectiva de hoje não significou uma mudança paradigmática global, permitiu esboçar, no entanto, um modelo para os estudos literários – incluindo a sua prática de ensino – que até hoje mantém a sua atualidade e utilidade pela abrangência e pela possibilidade de constante expansão de sua estrutura teórica, em diálogo não só com as mais recentes produções literárias em espaços geopolíticos e culturais diversos, mas igualmente com as formas de sua circulação e recepção de que faz parte o seu processo de comunicação como estratégia didática.

Os objetivos básicos desta tese podem ser entendidos, em suma, como avaliação crítica dos fundamentos epistemológicos, teóricos e políticos que orientaram a elaboração da chamada *ciência empírica da literatura* e como avaliação de seu potencial, em vista de um projeto pedagógico prático de socialização literária fundada sobre formas de comunicação alternativas e solidárias.

E nesta ótica, a minha tese, *Uma teoria literária em expansão*, sintoniza também com diretrizes normativas de valor e engajamentos políticos subjacentes à ciência empírica da literatura explicitada por Siegfried Schmidt da seguinte forma: “Aquele que exerce ciência da literatura pratica operações no sistema de ação social ciência”. (Schmidt, 1982, p.362). Essas operações pressupõem decisões sobre conceitos de ciência, de sociedade, e de literatura, e são as regras, convenções, normas e valores subscritos e validados nestas concepções por uma determinada comunidade científica que vão orientar a estrutura e a função da ciência da literatura. Mas, para que esta possa ser ensinada e aprendida em processos de socialização – no caso, a socialização literária – a sua função e estrutura não só precisam ser explicitáveis, mas intersubjetivamente comunicáveis.

É o conjunto destes postulados que torna esse projeto teórico especialmente interessante para a análise do fenômeno literário em vista de sua dimensão de ensino, porque permite observar e transformar em processo de

conscientização as múltiplas facetas da *vida literária* integrada em sistemas culturais e sociais.

Os valores e postulados normativos da CEL indicam convergências com o ideário do Esclarecimento que se expressa no desejo de fomentar a capacidade crítica e autocrítica, a responsabilidade e racionalidade, além da solidariedade, que se entende como diminuição da intolerância, da dominação do homem sobre o homem, à medida que formas de cooperação baseadas na interação permitem reduzir conflitos na busca de soluções para problemas sentidos como urgentes. Para realizar estes valores, precisam ser levados em conta os conhecimentos empíricos de processos sociais e psíquicos, a transparência na orientação dos processos sociais, e a comparação, e não a competição, na ação social. Neste entendimento, a ação científica deveria fornecer, igualmente, um conhecimento empírico, viabilizar a sua transmissão intersubjetiva e apresentar argumentos a favor de sua relevância aplicativa de acordo com determinadas necessidades sociais e individuais. Assim, o que se demanda de uma ação científica é a satisfação de critérios de consistência e relevância, por seu lado, vinculados com estratégias científicas que possuem estruturas lógicas consistentes e empiricamente interpretáveis, para que o conhecimento produzido pela ciência – no caso, a ciência da literatura – possa atender a necessidades práticas dentro e fora da comunicação literária.

Na perspectiva adotada, a operação científica, e entre ela, a ciência da literatura, se entende, portanto, como ação social baseada em determinadas regras e convenções vigentes em vista da elaboração de estratégias capazes de encaminhar e solucionar problemas. É neste sentido que o projeto da CEL, em seu conjunto, torna-se relevante para o desenvolvimento da minha tese oferecendo fundamentos valiosos para os propósitos de uma pedagogia literária renovada. É no contexto dessas questões que este trabalho procura o seu espaço e se entende como convite ao diálogo e como motivação na busca de soluções criativas para uma participação bem sucedida na vida literária.